

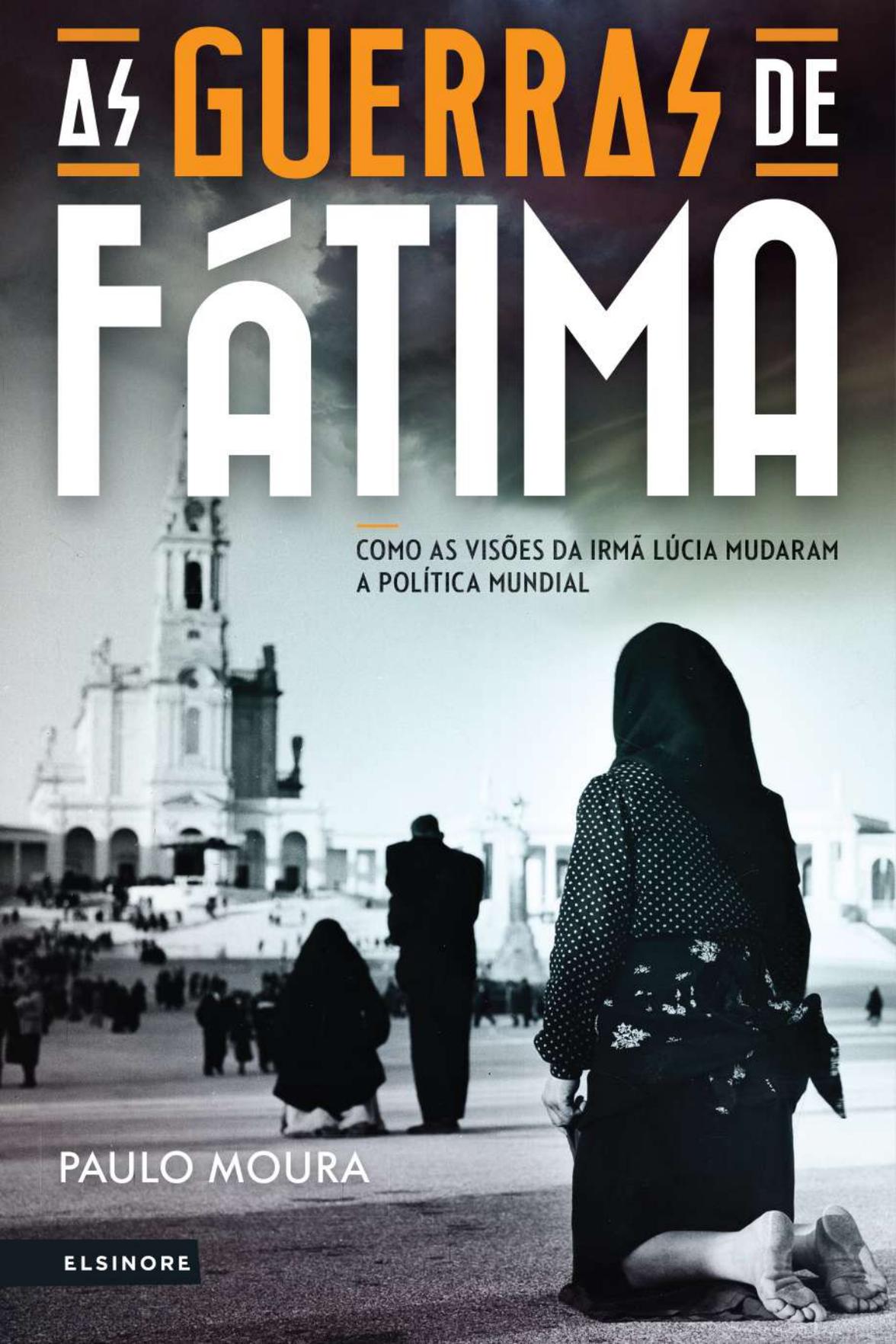
AS GUERRAS DE

FÁTIMA

COMO AS VISÕES DA IRMÃ LÚCIA MUDARAM
A POLÍTICA MUNDIAL

PAULO MOURA

ELSINORE



9

Primeira Parte

Ao Serviço do Poder

Dos dois lados da barricada, 11

A Virgem triste, 15

Aliada do Papa, 19

–

27

Segunda Parte

Contra o Modernismo

Judeus, maçons, americanistas e outros perigos, 29

O futuro Papa na Alemanha, 41

Pio XI e a encíclica perdida, 49

Definindo o inimigo, 61

A construção do mito de Fátima, 73

O «Papa de Fátima» ou o «Papa de Hitler»? 85

O Papa usa a «bomba atómica» espiritual, 95

–

113

Terceira Parte

Contra os Comunistas

Olinda, chefe do Exército Azul de Melgaço, 115

Cineastas, jornalistas, publicitários

e televangelistas, 135

A Virgem Peregrina parte pelo mundo, 159

A Virgem na guerra do Vietname, 167

Para lá da Cortina de Ferro, 183

Uma teia de milagres, 197

–

209

Quarta Parte

Contra as Mulheres

Causas para o novo milénio, 211

A derrota do comunismo, 217

A cruzada da mulher submissa, 227

–

231

Bibliografia

–

PRIMEIRA PARTE

AO SERVIÇO DO PODER

DOS DOIS LADOS DA BARRICADA

Na Ucrânia, por duas vezes me falaram da Nossa Senhora de Fátima. Aconteceu com um intervalo de duas semanas, entre a revolução anti-russa em Kiev e a retaliação russa na Crimeia.

«Portugal é a terra da Virgem de Fátima», disse uma mulher de 50 anos, em Fevereiro de 2014, durante a manifestação da Praça Maidan, ao saber da minha nacionalidade. «Ela salvou João Paulo II, o Papa que nos ajudou a derrotar o comunismo. A Mãe de Deus de Fátima foi a nossa grande aliada contra os Russos.»

A mulher estava há dias na praça, participando nos protestos que levariam ao derrube do ditador pró-russo Viktor Yanukovych. Naquela altura, já tinham morrido centenas de pessoas, na sequência do brutal ataque da polícia aos manifestantes. Agora, tudo acalmara, e sucediam-se comícios no palco construído no meio da praça. A maior parte dos oradores, para espanto meu e dos outros jornalistas ocidentais, eram padres ortodoxos e católicos, juntos numa espécie de frente patriótica e nacionalista. Rezavam missa em conjunto, faziam desfilar imagens e ícones.

Não longe dali, numa grande tenda montada desde os primeiros dias dos protestos, erguia-se uma estátua da Nossa Senhora de Fátima, rodeada por ícones ortodoxos, e vários dos jovens pertencentes aos grupos fascistas que constituíram a vanguarda armada da revolução usavam cruzeiros católicos e imagens da Virgem, misturadas com suásticas e bandeiras negras.

*

Pouco depois parti para a Crimeia, de onde só regresssei após a anexação do território por Moscovo. Numa manifestação pró-Rússia em frente à estátua de Lenine, na praça principal de Simferopol, uma mulher com mais de 80 anos, rosto carregado de maquilhagem, lábios pintados de vermelho-vivo, casaco de pele, e um chapéu felpudo na cabeça, falou-me também da Nossa Senhora de Fátima. «É português? Tenho uma grande devoção pela Virgem de Fátima, que nos ajudou a derrotar os nazis, durante a guerra.»

A presença de militares russos em todas as esquinas da cidade garantia a confiança suficiente para que se realizasse uma manifestação a favor da invasão russa da Crimeia, que seria uma realidade uma semana depois, aprovada por referendo.

«Lembramo-nos muito bem dos fascistas», disse a mulher, que era oriunda da cidade vizinha de Sebastopol. Entre 1941 e 1942, Sebastopol esteve cercada pelas forças alemãs, numa batalha que matou dezenas de milhares de pessoas. Após o cerco, que privou as populações de água e alimentos, os nazis ocuparam a cidade, prendendo e torturando muitos dos seus habitantes.

As notícias (falsas) de que os fascistas ucranianos, que acabavam de tomar o poder em Kiev, estavam agora a marchar em direcção à Crimeia levavam as pessoas a pedirem a protecção da Rússia. «Nós lutámos no Exército Vermelho», disse a mulher. «A Santa Rússia é a nossa pátria, os nazis os nossos inimigos. Conhecemo-los bem. Eles eram mais fortes e só foram vencidos porque a Mãe de Deus de Fátima ajudou a Rússia. Nunca me esquecerei disso.»

Naquela altura, eu estava muito longe de imaginar que viria a escrever sobre Fátima. Mas a evocação repetida do tema, num lugar tão distante, geográfica e culturalmente, não deixou de me

intrigar. Acima de tudo pela incrível contradição nos motivos. Mesmo admitindo a estranha hipótese de que a Virgem pudesse ter ajudado alguma das partes envolvidas na Segunda Guerra Mundial ou na Guerra Fria, como poderia ter ao mesmo tempo ajudado os comunistas e quem os combatia?

A VIRGEM TRISTE

Percorrer os corredores do Museu do Vaticano é uma experiência de vertigem com o poder. Tudo ali está concebido com esse propósito. Não há a espiritualidade de algumas igrejas católicas nem a harmonia simples de certos mosteiros. Ali só se sente o poder. A encenação excessiva e esmagadora do poder.

A própria pintura medieval e renascentista mostra como se vivia no interior de uma narrativa imaginária. Dentro do mito, com o seu conjunto de personagens e histórias, de modo a que nada fosse real ou imprevisível, impossível de controlar.

Um mundo fabricado, transcrito literalmente da Bíblia, o único onde era permitido viver.

Os edifícios do Vaticano são imperscrutáveis por fora, esmagadores por dentro. A Galeria dos Mapas, a caminho da Capela Sistina, a Sala de Constantino, construída no tempo de Nicolau III, para as cerimónias oficiais, a Sala dos Papiros, para as reuniões importantes, uma espécie de sala de guerra para controlar o mundo. Vê-se que tudo está orientado para a terra, não para o Céu. Incluindo as imagens da Virgem.

Foi para as observar que ali entrei, depois de visitar os arquivos e as bibliotecas. Queria ver o seu rosto, os seus mil rostos.

Avançamos no tempo, ao percorrer as galerias do museu, e nesse caminho pelo melhor da arte do final da Idade Média e do Renascimento é possível perceber quem é a Virgem Maria, como se foi construindo na imaginação dos artistas.

Ver como na *Vergine dell'Apocalisse*, de Giovanni del Biondo (1356–1398), nos mostra umas faces rosadas mas algo conspirativas, como quem planeia alguma acção hostil ou simplesmente fugir daquele cenário e daquela missão.

Em *Madonna col Bambino*, de Jacopo del Casentino (1297–1349), tem nariz judaico, de cana comprida e convexa, e parece estar em transe. O Menino, gorducho, puxa-lhe o lenço, como que para acordá-la.

La Madonna del Magnificat, de Bernardo Daddi (1280–1348), mostra a Virgem com um livro na mão, sobrancelhas finas e boca pequena, a apontar para algo, como se estivesse a fazer uma denúncia.

Em *Natività*, de Mariotto di Nardo (1389–1427), a Virgem está grávida e gorda, com uma cabeça minúscula e ar severo. *La Madonna in Trono e Angeli*, de Maestro di Borga (século xv), olha para nós, morena e enfadada, ressentida.

Num tríptico de Giotto a Virgem pega no Menino, que está de costas e parece querer fugir. A Mãe tem, na boca franzida, uma expressão de repulsa. Noutro tríptico, de Brancacci, cheio de dourados e véus enrugados, o Menino encosta o rosto à Mãe, mas Ela mostra-se alheada e triste. Não tão zangada como em *Madonna del Latte*, de um mestre florentino (1380), em que Ela quase sente nojo do Menino.

Em *L'Annunciazione* (1425), um raio de luz entra por uma janelinha e projecta-se no coração da Virgem, que, altiva, olha o Céu. O anjo olha para baixo. Já em *La Madonna dell'Umiltà*, de Stefano di Giovanni, o Menino parece querer escapar, mas é agarrado por um pé. A expressão da Mãe é de uma imensa resignação. Também em *La Madonna col Bambino* (1435), de Guido di Pietro, a Mãe, com um ar sedutor e coquete, ignora o Filho, que lhe acaricia o rosto.

No *Incoronazione della Vergine*, de Filippo Lippi (1444), Mãe e Filho parecem da mesma idade, sugerindo que não há parentesco

entre eles, mas uma equiparação em dignidade. E na *Madonna e Bambino*, de Niccoló d'Antonio (1460–1510), Ela tem um olhar esquisito, sério e dramático, mas sonolento, como se estivesse sob o efeito de alguma droga, enquanto os anjos se voltam uns para os outros para comentar, com ar trocista.

E em todos aqueles quadros, pelos corredores fora, vemos uma Nossa Senhora arrogante, alheada, indiferente, agressiva, entediada. Só quando entramos no Renascimento, com Raphael ou Veronese, encontramos alguma emoção e afectividade nos olhos da Virgem. É como se até aí os artistas não a amassem, ou não a levassem a sério.

ALIADA DO PAPA

Desde muito cedo que o culto da Virgem Maria representa, no seio do cristianismo, a corrente teocrática. A autoridade da casta sacerdotal tem vindo a afirmar-se, desde os primeiros séculos, com progressos e retrocessos, e com recurso a diferentes armas e estratégias.

O poder fundiário foi sempre um dos instrumentos com que o clero controlava os fiéis, mas o dispositivo ritualístico não tem sido menos eficaz, desde as catacumbas do Império Romano. Os rituais são apresentados como a única via para a salvação, e só funcionam com orientação dos sacerdotes e através deles. Servem, portanto, para manter a ligação à divindade, por um lado, mas também ao clero e à hierarquia.

Todos os desvios, heresias, apostasias, sublevações, seitas são combatidos intensificando a prática dos rituais e através de intercessões de entidades investidas de poder sobrenatural. A Virgem Maria tem desempenhado esse papel, desde o início. Em aparições populares que depois são ratificadas e enquadradas pelo clero, vem lembrar a importância da oração e da penitência, e da ilegitimidade dos prazeres da carne. Controlar os costumes, o quotidiano dos fiéis, é também uma forma de manter o poder.

A primeira aparição da Virgem de que há registo tem já estas características. Aconteceu a São Gregório Taumaturgo, no ano 270, e serviu para confirmar a importância da Santíssima Trindade,

numa altura em que várias seitas a contestavam — maniqueístas, montanistas. Estas heresias negavam a natureza humana de Cristo e, por conseguinte, a importância de ter tido mãe.

O período seguinte, definido pelas grandes invasões bárbaras do Império Romano, foi particularmente propício a aparições marianas. Num contexto de fragmentação territorial e ruralização, a hierarquia da Igreja apostou tudo na centralização do poder. Em 384, o bispo de Roma (São Sirício, na altura) passou a designar-se Papa. Foi ele que decretou a obrigação do celibato para os padres, realidade que também passaria a estar ligada ao culto da Virgem.

Isentos do pecado da carne, os sacerdotes serão agora uma classe em regime de dedicação total que substituiu os vínculos terrenos pela ligação à Virgem, sua mentora e padroeira.

A primeira aparição no Ocidente terá ocorrido em 397, a São Martinho de Tours, fundador do monasticismo e defensor do culto das relíquias, objectos sagrados que implicam a confiança nos mediadores. Estes passam a celebrar missa com vestimentas luxuosas e ornamentos caros, emergindo como uma hierarquia poderosa e autoritária.

Este poder vai consolidar-se nos séculos seguintes, no mundo bizantino e na Europa medieval, com a solidariedade táctica da Virgem, que não abdica de uma presença assídua e interveniente nos negócios humanos.

No século VII, São João Damasceno, autodenominado «escravo de Maria» e autoproclamado defensor da autoridade papal, afirmou os dogmas da Imaculada Conceição (por ter concebido sem pecado) e da Assunção de Maria (porque subiu aos Céus, depois de Cristo).

Estes dogmas consagravam a autoridade divina da Virgem Maria, que por sua vez confirmava e legitimava a autoridade do Papa. Foi nesta época que Roma terá forjado o documento conhecido por «Doação de Constantino», em que o imperador romano teria

oferecido à Santa Sé a posse e a jurisdição sobre um grande número de territórios. Só na Renascença o documento seria denunciado como falso, já depois de, entretanto, ter servido de base legal ao estatuto temporal do poder do Papa.

Em 756, seriam criados os Estados Pontifícios, por iniciativa de Pepino, o *Breve*, sobre os quais o Papa reinava como um verdadeiro monarca. Esse «reino» só seria desmantelado após a unificação italiana, no século XIX, durante o pontificado de Pio IX.

Por toda a Idade Média, o poder do Papa não cessaria de aumentar, sempre em articulação com o culto de Maria. As ordens religiosas seriam agentes fundamentais dessa marianização da cristandade e centralização do poder de Roma.

Os cavaleiros celibatários das ordens militares combatiam em nome da sua «esposa celestial», pela expansão da fé e pela autoridade do Papa, garante da ortodoxia religiosa e da submissão dos povos.

As Cruzadas e o seu grande mentor, Bernardo de Claraval, monge da Ordem de Cister, foram um grande movimento de autoritarismo e marianismo que sufocou todas as veleidades de liberdade religiosa e de pensamento na Europa.

Foi, aliás, nesse ambiente de imperialismo e fundamentalismo cristão que Portugal (a Terra de Santa Maria) foi fundado, com a ajuda de cruzados e o alto patrocínio do Papa. Todo o esforço da Reconquista foi feito à custa de um sistema de promessas e recompensas, em que a neutralização dos infiéis era paga com património territorial.

A conexão entre os cristãos e o seu Deus foi completamente cortada (até à eclosão da Reforma). O Papa e a sua hierarquia eram os representantes da Divindade no mundo terreno, com prerrogativas de condução e julgamento das almas. Foi criado o sistema do Purgatório e das indulgências, através do qual se fazia depender a salvação dos espíritos dos favores, conveniências ou pagamentos

por conta. Segundo a prescrição de São Tomás de Aquino, o Papa tem o monopólio das indulgências, pelo que a sua autoridade passa a ser absolutamente incontornável.

A única espécie de «advogado de defesa» dos fiéis era a Virgem Maria, que, através de aparições, mensagens, confidências e revelações, prometia interceder junto de Deus ou de Jesus, aplacando a sua ira ou mitigando os seus castigos.

Na realidade, as revelações e segredos da Nossa Senhora reflectem sempre os interesses do papado e a sua afirmação de poder. Se os conteúdos originais das mensagens, tal como os videntes os entenderam, não eram completamente conformes a esses interesses, os padres e outros guardiões dos fenómenos ter-se-ão encarregado de os moldar a preceito.

Nunca se trata de ideias «modernas» ou emancipadoras, mas de exortações à passividade, à humilhação e à obediência, de ódio e retaliação contra qualquer heresia, e condenação da concupiscência e da liberdade.

No entanto, não raro as mensagens são incitações à violência e à guerra, consideradas legítimas quando estão em causa acções do demónio. Heresias como a dos cátaros, que não reconheciam a natureza divina de Maria nem o direito à guerra em nome de Deus, foram brutalmente condenadas e perseguidas pelas hostes marianas.

No século XIII, uma das prioridades da Igreja passou a ser a conversão forçada dos judeus. No grande esforço para levar a bom termo esta missão, foram atribuídos poderes especiais ao tribunal da Inquisição (que fora criado no século anterior para combater os cátaros), e encorajou-se a formação de confrarias laicas que alargassem a todas as esferas a acção e a vigilância. As primeiras irmandades de Nossa Senhora nasceram com este objectivo, que manteriam por muito tempo.

*

Os exageros das indulgências e dos privilégios do clero estariam na origem do movimento da Reforma protestante. Calvino chamou ao culto da Virgem Maria uma «blasfémia execrável», e Lutero considerou-o uma idolatria e um mero expediente para a exploração económica das indulgências.

Mas em vez de moderar os exageros que provocaram o cisma, Roma transformou o culto de Maria numa arma da Contra-reforma. Apostou ainda mais na devoção mariana, reconhecendo aparições e revelações um pouco por todo o lado, numa luta sem quartel contra a nova heresia.

Os principais baluartes desta reacção terão sido Espanha e Portugal, nações imbuídas do espírito da Reconquista, onde os jesuítas conduziram a cruzada contra a Reforma, os judeus e os muçulmanos. Em Espanha, iniciou-se o culto da Nossa Senhora do Pilar, que teria o seu auge mais tarde, no tempo do franquismo.

Nos séculos da presença muçulmana, foi enfatizado o culto da Virgem como forma de assimilar as populações mouras. Não seria tão fácil fazê-lo com a religião de Cristo, visto como um rival do profeta Maomé.

A Contra-reforma foi, porém, muito mais do que a afirmação da Igreja perante o desvio protestante. O que estava em causa era combater a grande vaga de mudança que atravessava o mundo desde o Renascimento. O humanismo, a ciência, o espírito crítico, era isso que assustava a Igreja Católica, receosa de perder o seu domínio sobre a ordem do mundo e as consciências dos homens. Um receio idêntico ao que a levou mais tarde a temer e combater o comunismo.

Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, definiu os princípios da nova «ciência» mariológica, emanada do Concílio de Trento, e que deveria opor-se à de Copérnico e Galileu. Foi uma reafirmação dos velhos dogmas, das indulgências, do culto

das imagens, das peregrinações, do elogio da continência e virgindade. Tudo ao serviço do poder da Igreja, usando a Virgem e a estética barroca do excesso e da ostentação. Através do ensino e dos «exercícios espirituais», Santo Inácio e os jesuítas dominariam as consciências europeias durante séculos, e seriam o principal veículo da ideologia mariana, cuja força e influência não deixariam de crescer. Até à Revolução Francesa.

O ano de 1789 marcou o início do declínio do culto da Virgem, do poder dos jesuítas e da própria Igreja. O anticlericalismo começou em França, mas alastrou a toda a Europa. A Companhia de Jesus foi extinta. Em Portugal, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas em 1759.

Mas à medida que as novas ideias se espalhavam, que os jacobinos, os racionalistas, os enciclopedistas, os maçons e os democratas impunham as suas regras, a Virgem Maria tornava-se a bandeira da reacção. Quando, em Portugal, as revoluções liberais perseguiram a Igreja e aboliram as ordens religiosas, a Virgem emergia como símbolo de resistência.

Mais uma vez, Jesus Cristo não era suficiente para a missão que a Igreja Católica impusera no mundo. A sua figura era ambígua e até susceptível de ser usada em proveito próprio pelos inimigos da Igreja. Tinha um lado igualitarista, pacifista, de defensor dos pobres, que não convinha à Igreja de Roma.

Nossa Senhora não inspirava a rebelião nem o livre-pensamento, porque, na verdade, e de acordo com o Novo Testamento, nunca dissera nada de subversivo. Pouco dissera, aliás. Pelo que o seu perfil pôde ser moldado a gosto pela Santa Sé, até se tornar o símbolo da ortodoxia.

As inúmeras aparições dos séculos XVIII e XIX vieram confirmar essa vocação serviçal. Foram variando em número e publicidade ao ritmo dos avanços e retrocessos do poder papal. O desmantelamento

dos Estados Pontifícios, perante a agressividade do nacionalismo italiano, parecia configurar o fim da Igreja Católica. Pois a essa crise do papado correspondeu uma proliferação sem precedentes de aparições marianas.

Com traços muito idênticos entre si, ou não fossem idênticos os objectivos da criação de cada santuário, em La Salette, Garabandal, Lourdes, Fátima, Necedah, Medjugorje ou Melleray.

A origem das visões pode estar em duas crianças pobres e ignorantes, mas cedo são enquadradas e completadas pelo clero local e uma equipa de intelectuais católicos bem informados do contexto religioso, social e político. As revelações incluem sempre alguns aspectos pessoais, que apenas dizem respeito aos videntes, aspectos ritualísticos, que denotam preocupação em reafirmar a autoridade eclesiástica, e aspectos políticos, relacionados com acontecimentos da época e que incluem previsões, ameaças, castigos.

É desta forma que a Virgem (ou será mais correcto dizer: o papado) vai interferindo nos acontecimentos terrenos, alterando o seu curso, ou instando os seres humanos a fazerem certas opções, sob pena de horríveis retaliações.

A aparição de La Salette, uma povoação dos Alpes franceses, nas imediações de Grenoble, ocorreu em 1846 e definiu o fenómeno na era moderna. A Virgem apareceu a dois pastorinhos, durante uma grave crise agrícola e pouco antes da consequente revolução de 1848, para anunciar fomes e crises, embora nada disso tivesse surgido nos primeiros relatos. Só foi descrito depois da intervenção de várias personalidades envolvidas na política da época, designadamente apoiantes da restauração da monarquia. Após vários interrogatórios aos videntes, emergiram os «Segredos», que deveriam ser enviados ao Papa.

Pio IX só permitiu a sua publicação anos mais tarde. Incluíam a previsão da morte trágica de Napoleão. Após um curto período

de anarquia, um familiar de Napoleão assumiria o poder, dizia o Segredo. Nesse período, haveria uma perseguição aos padres católicos, e o Papa morreria como mártir. A Inglaterra seria convertida, e o próprio vidente, Maximin, viria a ser primeiro-ministro de França.

Mas foi Lourdes que selou as principais marcas das aparições modernas, de que Fátima seria o paradigma absoluto. A Virgem apareceu na povoação francesa em 1858, para confirmar o dogma da Imaculada Conceição, oferecendo à vidente uma medalha miraculosa alusiva ao episódio. Pio IX confirmara o dogma em 1854, e viria a confirmar o da infalibilidade papal no Concílio Vaticano Primeiro, em 1870.

O dogma da Imaculada Conceição foi visto como necessário para contrariar as teses de Darwin (*A Origem das Espécies* foi publicado pouco depois, em 1859) e da ciência em geral, assim como a teoria do progresso, segundo a qual o homem poderia fazer evoluir a ciência e alterar as suas concepções do mundo, independentemente dos dogmas religiosos.

As aparições de Lourdes podem ser vistas como o pacto tácito e definitivo entre o Papa e a Virgem Maria, em que esta reconhece o dogma da infalibilidade papal e aquele o da Imaculada Conceição e da Ascensão. Estes dois dão autoridade à Virgem para outorgar ao Papa a infalibilidade, que, com ela, por sua vez, reconhece à Mãe de Deus o poder de lhe conceder essa mesma infalibilidade.

SEGUNDA PARTE

CONTRA O MODERNISMO

JUDEUS, MAÇONS, AMERICANISTAS E OUTROS PERIGOS

O anti-semitismo católico

O mundo estava em mudança rápida, e Leão XIII publicara, em 1891, a encíclica *Rerum Novarum* [Das Coisas Novas], que foi uma espécie de resposta da Santa Sé ao *Manifesto Comunista*. Na encíclica, o Papa criticava a «usura» dos ricos, mas atacava o socialismo e a democracia. Era natural que houvesse ricos e pobres, e a propriedade constituía um direito inalienável do homem, tal como os valores da família formavam o alicerce da sociedade. O socialismo não passava de uma ilusão que levava ao ateísmo, porque o homem não deveria querer mudar o mundo, sobre cuja ordem só Deus tinha poder.

«A praga do socialismo, que tão profundamente perverte o discernimento das nossas populações, retira toda a força do seu poder da ignorância que provoca no intelecto, ofuscando a luz das verdades eternas e corrompendo as regras de vida estabelecidas pela moralidade cristã», escreveu ele ao arcebispo de Colónia.

Considerava que o socialismo era a grande praga e o grande perigo do mundo moderno, e que, para o combater, a Igreja Católica tinha de apresentar uma alternativa, de pensamento e atitude, para os novos tempos. Essa alternativa implicava um renascimento intelectual cristão que, na sua perspectiva, deveria fundamentar-se no pensamento de São Tomás de Aquino.

O neotomismo, versão moderna das ideias do filósofo medieval, apresentava um sistema coerente que incluía a razão e os dogmas revelados pela fé. Pretendia conciliar o homem com as contradições do mundo e da sociedade, mas aquilo que surgira na Idade Média como uma filosofia revolucionária e libertadora servia agora para combater o modernismo, a consciência social e toda a espécie de mudança.

Parecia, no entanto, ser um quadro mental seguro para a instabilidade dos tempos, pelo que o Papa seguinte, Pio X, decidiu impô-lo como filosofia obrigatória nas escolas e universidades controladas pela Igreja.

O jovem Eugenio Pacelli faria os seus estudos em Roma, neste ambiente mental. Um caldo cultural, alimentado sobretudo pelos padres jesuítas que Pacelli teve como professores no seminário, que incluía, entre outras pérolas ideológicas, um anti-semitismo ingénuo e covarde. Para além da ideia tradicional cristã de que os judeus eram responsáveis pela morte de Cristo, desenvolvera-se ao longo dos séculos todo um sistema de pensamento segundo o qual os judeus praticavam ritos abomináveis, assassinavam crianças cristãs, roubavam hóstias, entregavam-se à magia, e, acima de tudo, dedicavam-se à usura, através da qual viviam à custa dos cristãos. Pogroms, guetos, expulsões em massa, execuções fizeram parte da história dos judeus na Europa desde a Idade Média até ao século XX, por determinação, antes de mais, das autoridades católicas.

O histórico anti-semitismo católico teve altos e baixos, mas estava em alta no tempo em que o jovem Eugenio frequentava o liceu. Um dos seus professores, que o influenciaria por toda a vida, acreditava piamente nas teses da «obstinação» dos judeus, teses que não faziam mais do que justificar as novas modalidades racistas. Baseavam-se na convicção, amplamente divulgada pelos teólogos católicos, de que o problema dos judeus era uma espécie de

«teimosia» que os cegava para a verdade. Se eles abrissem os corações aos argumentos cristãos, imediatamente compreenderiam o seu erro, e converter-se-iam.

Aliás, na rua onde Pacelli nasceu, em Roma, a Via di Monte Giordano, realizou-se durante séculos uma cerimónia tradicional, durante o cortejo encabeçado pelo Papa, em direcção à Basílica de São João de Latrão. Consistia nisto: o Papa fazia parar a procissão para se encontrar com o rabino de Roma, que vinha acompanhado de uma comitiva. O rabino entregava ao Papa um exemplar do Pentateuco. O Papa virava o livro ao contrário, colocava sobre ele 20 moedas de outro e devolvia-o ao rabino, declarando: «Respeito a Lei de Moisés, mas desaprovo a obstinação da raça judia.»

Estas ideias permaneceram latentes na consciência católica, mesmo que não tivessem qualquer tradução prática e concreta. Mas ajudaram a aceitar como natural, por parte dos católicos, o anti-semitismo que emergiu na década de 1930 por iniciativa dos nazis.

O que estes criaram foi uma noção de natureza diferente, carregada de violência ideológica e intencionalidade política. Os católicos não tinham, porém, deixado de desenvolver, nas décadas anteriores, as suas próprias correntes de pensamento anti-semita, que iam engrossar os caudais do ódio nazi, com as consequências conhecidas.

Nos últimos anos do século XIX, vários intelectuais católicos aplicaram o melhor do seu talento especulativo na criação de teorias para explicar o advento da Revolução Francesa e todos os outros movimentos de mudança social e política. Foram os judeus que provocaram a revolução de 1789, explicava um dos artigos publicados na revista *La Civiltà Cattolica*, sob o título geral «Della Questione Ebraica in Europa». Instigaram a Revolução Francesa para obterem para si a igualdade enquanto cidadãos, de forma a poderem, a partir de então, insinuar-se na liderança da maior parte dos sectores económicos,

com o objectivo de os controlar completamente. Eram, concluía o artigo, uma «raça nojenta», um «povo preguiçoso que não trabalhava nem produzia nada, vivendo à custa do suor dos outros».

Estas ideias, expostas de forma mais ou menos panfletária, evoluíram para uma teoria mais abrangente, que se tornaria dominante a certo momento, segundo a qual os judeus estariam na base não apenas da Revolução Francesa como também das ideias socialistas e comunistas e da revolução bolchevique. Isto permitiu uma linha doutrinária de mistificação histórica que associava judeus e comunistas, e que levou muitos católicos, no afã de combaterem o ateísmo comunista, a serem tolerantes com, ou, nalguns casos, a apoiarem abertamente, o Holocausto.

O pensamento de Eugenio Pacelli desenvolveu-se neste caldo cultural, primeiro em Roma, depois na Alemanha. Para ele, judeus e comunistas eram de alguma forma uma entidade única, que urgia combater usando quaisquer meios. E se os nazis eram inimigos de ambos, seria sensato apoiá-los.

Mas nessa espécie de monstro que se constituía como ameaça à ordem social, política e moral representada pela Santa Sé, incluíam-se também o protestantismo, a maçonaria, a democracia e o modernismo.

Em 1886, Édouard Drumont escrevia em França o seu bestseller *La France juive*, onde explicava como a maçonaria era a base e o veículo do protestantismo e do judaísmo, que pretendiam «demolir o corpo e a alma da França». A obra, de 1200 páginas, em dois volumes, publicada em edição de autor, vendeu 62 mil exemplares logo no primeiro ano. Reunia, numa perspectiva histórica, as correntes principais do anti-semitismo e antijudaísmo, designadamente o cristão, o anticapitalista e o puramente racista. E incluía ainda, num intuito claramente persecutório, uma lista de mais de três mil nomes de personalidades de origem judaica, ou que mantinham

alguma espécie de relação com os judeus. O livro teve mais 200 edições, até 1914, e viria a ser reivindicado como fundador do anti-semitismo moderno e da extrema-direita nacionalista. Charles Maurras, fundador da Action Française e do nacionalismo integral (segundo o qual a Igreja Católica deveria funcionar dentro do Governo), e que seria um dos principais mentores ideológicos de Salazar, disse sobre Drumont: «A fórmula nacionalista nasceu dele, quase inteiramente. E [Alphonse] Daudet, [Maurice] Barrès, todos nós iniciámos a nossa obra à luz da sua.»

Muitos outros livros surgiram nos finais do século XIX atacando os judeus, a maçonaria, o laicismo, o socialismo.

Desde o início do século XX, os sectores conservadores da Igreja andavam ainda mais assustados com todos esses «perigos». Escreveram-se artigos, proferiram-se conferências contra o «veneno» que alastrava pela Europa e que pretendia, dizia-se, pôr em causa os bons princípios escolásticos de São Tomás de Aquino.

Dizia-se também que esses intelectuais modernistas católicos franceses acreditavam num fosso intransponível entre a fé e o conhecimento. E isso era um perigo, porque levava ao cepticismo e ao relativismo.

De facto, esses escritores que advogavam o modernismo e o chamado «aggiornamento» apenas tentavam compatibilizar a fé católica com a ciência e o progresso do novo século. Um deles, Louis Duchesne, professor no Instituto Católico de Paris, punha em causa a certeza de que Deus interviesse directamente nos acontecimentos humanos. Isto, obviamente, desacreditava as alegadas aparições de entidades divinas com o propósito de corrigir o curso da história ou provocar catástrofes e guerras como castigo pelos actos iníquos dos homens.

Outro padre, Alfred Loisy, discípulo de Duchesne, escreveu que a Bíblia talvez não devesse ser lida de uma forma literal,

mas interpretada metaforicamente. De certa forma, o que estas concepções pretendiam era afastar os obstáculos epistemológicos à grande revolução científica que se impunha desde o século XVI, de Copérnico a Kepler e a Galileu.

Em Itália, modernistas como Romolo Murri, Antonio Fogazzaro ou Ernesto Buonaiuti advogavam um «modernismo social», segundo o qual as ideias cristãs obrigam a pugnar pelo desenvolvimento e justiça social. Algumas das teses destes autores viriam, aliás, a estar na origem dos partidos políticos democratas-cristãos.

Perseguição e espionagem

Outra corrente, nos EUA, esforçava-se já por harmonizar os valores católicos com os da democracia — coisa que assustava os tradicionalistas do Vaticano, que a viam como um precedente para democratizar a própria Igreja. Chamavam a essa corrente «americanismo».

«O americanismo religioso», escreveu o Papa Leão X, «representa um perigo maior e é mais adverso à doutrina e à disciplina católicas, visto que os seguidores dessas novas tendências pensam que devia ser introduzida uma certa liberdade na Igreja».

O que os «americanistas» defendiam eram as virtudes «activas», como a cidadania democrática ou a solidariedade humanitária, em detrimento das virtudes «passivas» tradicionais do catolicismo, tais como a humildade, a obediência e a resignação.

Tudo isto foi considerado extremamente perigoso, e motivou uma campanha de perseguição e censura, por todos os meios, para erradicar totalmente o «modernismo» e o «americanismo».

O Papa Pio X nomeou um cardeal doutorado em História da Igreja, Umberto Benigni, para esta urgente missão inquisitorial. Benigni trabalhava, no Vaticano, no mesmo gabinete de Pacelli,

no departamento de Assuntos Extraordinários da Secretaria de Estado. Mas passou a acumular com outro emprego, a direção do Sodalitium Pianum, um serviço secreto de espionagem e denúncia cuja missão era exterminar o «modernismo». Usava meios de comunicação e tecnologia modernos e uma rede de espões e informadores, espalhados pela Europa e os EUA, com o propósito de perseguir, proibir, excomungar, condenar. Mandou destruir livros, encerrar jornais e revistas, despedir, despromover, transferir funcionários e dignitários de paróquias, instituições religiosas ou de ensino.

Trabalhou com totais fanatismo, arrogância e prepotência, sem respeito por universidades ou nomes prestigiados da cultura e da ciência. Situava-se até acima da própria hierarquia eclesiástica, que espiava com igual entusiasmo, sem poupar bispos ou cardeais.

Escreveu uma vez, a propósito de um respeitado grupo de historiadores: «São homens para quem a História não é mais do que uma contínua e desesperada tentativa de vomitar. Para esta espécie de gente, só existe um remédio: a Inquisição.»

O protagonista de toda esta campanha de perseguições, que duraria meio século, foi Pio X. Mas Eugenio Pacelli foi profundamente influenciado pelo correspondente clima mental de intolerância, conservadorismo e mesquinhez.

Em 1907, Pio X publicou o decreto *Lamentabili Sane Exitu* [*Resultados Verdadeiramente Lamentáveis*] e a encíclica *Pascendi Dominici Gregis* [*Apascentando o Rebanho do Senhor*], condenando o «modernismo», o cientificismo, o evolucionismo, etc., em que definia definitivamente (só o Concílio Vaticano II viria a alterar a postura católica) o conservadorismo reaccionário da Igreja e a ideologia da primazia e autoridade absoluta e indiscutível do Papa. Em 1910, publicou uma directiva em que obrigava todos os padres católicos a fazerem um juramento de repúdio ao modernismo e de apoio ao *Lamentabili* e ao *Pascendi*. O «juramento antimodernista», como foi chamado,

obrigava explicitamente todos os padres e candidatos a padres não apenas a manifestarem a sua concordância com os ditames papais como também a concordarem com eles interiormente, sem qualquer reserva intelectual ou espiritual. Na opinião de alguns historiadores da Igreja, tratou-se do mais completo e radical método de controlo do pensamento em toda a história do cristianismo.

Pio X viria a ser, no entanto, canonizado, em 1954, por decisão do Papa da altura, Eugenio Pacelli, Pio XII.

Todo este movimento da Igreja para se «defender» das tendências subversivas do mundo moderno, através da frenética produção teórica da chamada Doutrina Social da Igreja e da multiplicação de organizações ligadas à sociedade, a que se chamou Acção Católica, esteve sempre enquadrado pelo marianismo e a devoção a Nossa Senhora.

Leão XIII incentivou a criação de organizações católicas que funcionassem como alternativa aos sindicatos e outros conluíus produzidos pelas seitas maçónicas. Associações de caridade como a Sociedade de São Vicente de Paulo ou o já velho Sodalício de Maria, ligado aos jesuítas (líderes incontestados de toda a cruzada antimodernista), deveriam infiltrar-se o mais profundamente possível no tecido social, incentivando a colaboração de padres e bispos com os movimentos laicos. Estas iniciativas deveriam sempre invocar a Virgem Maria, «para que», explicava o Papa, «Ela, que desde o momento da sua concepção venceu Satanás, possa mostrar o Seu poder sobre essas seitas demoníacas, nas quais é revivido o contumaz espírito do demónio».

Estruturas como o Apostolado do Sofrimento ou o Apostolado da Oração foram criadas para combater e emular as confrarias maçónicas, através da «suplicação perpétua» à Virgem Maria. Os Cavaleiros de Colombo, criados em 1882 por imigrantes irlandeses

no Connecticut, assumiam-se mesmo como uma falange, imitando a organização interna e cerimónias rituais dos maçons. Em meados do século seguinte, após a Segunda Guerra Mundial, os Cavaleiros de Colombo seriam uma das frentes mais poderosas do movimento de Nossa Senhora contra o comunismo.

A Igreja saúda o fascismo

Pio X, na sua missão espinhosa de restituir ao mundo a ordem baseada na desigualdade e no autoritarismo, adoptou a Virgem Maria como principal aliada. «Restauremos todas as coisas em Cristo» era um dos seus slogans principais, sendo que a ordem social, que, segundo ele, advinha de Deus, consistia na existência eterna de «ricos e pobres, cultos e incultos, nobres e plebeus».

Nas cerimónias de 1904 do Jubileu da Imaculada Conceição, Pio X explicou: «Cristo está sentado do lado direito da Majestade Divina. Mas Maria está de pé ao Seu lado direito, como rainha, e Ela é a mais segura e fiel ajuda para todos os perigos, para que não haja nada que devamos temer nem nenhuma razão para desesperar, sob a Sua orientação e a Sua liderança, o Seu favor e a Sua protecção.»

Em várias declarações públicas e cartas dirigidas a bispos, Pio X referiu-se às aparições de Lourdes como «um esplêndido argumento contra a descrença dos nossos dias» e «a prova de que esse país [a França] emergirá vitorioso de todos os demónios que o assaltam».

E fez um apelo ao mundo para que a Virgem fosse venerada em todos os seus altares, ou seja, nos lugares onde havia registos de aparições, que seriam transformados em focos de mobilização popular.

Em Espanha, multidões reuniram-se, em 1905, para a grande coroação da Nossa Senhora do Pilar. Bandas militares tocaram marchas, a aristocracia espanhola alinhou-se nos camarotes, o arcebispo

de Saragoça fez um discurso arrebatado: «A Virgem do Pilar é a Virgem de Espanha, a Rainha de Espanha. Ela, que nos salvou das sombras do paganismo; Ela, que nos salvou dos Mouros; Ela, que nos salvou da dominação e do jugo odioso dos enciclopedistas franceses; Ela vai agora salvar-nos, e já está a salvar-nos dos erros do naturalismo moderno que tanto põem em perigo a fé divina e os interesses permanentes da concórdia social.»

No ano seguinte, houve nova aparição, desta vez em Granada, dando origem a um novo altar, de Nuestra Señora del Espino, e em 1908, no altar nacional de Saragoça, realizou-se o Congresso Internacional Mariano, dedicado, explicitamente, a combater o modernismo. «A Virgem Maria tem de esmagar a cabeça de todas as heresias, esmagando a serpente do modernismo, e depois reinar em todo o mundo, como rainha do Universo», disse na abertura o organizador do congresso.

O documento final do evento defendia «as relações dogmáticas e históricas entre a Virgem Maria e o Pontífice, e a crença na maternidade divina, a Imaculada Conceição e a Assumpção do corpo, contra as objecções dos modernistas».

As primeiras organizações integralistas em Espanha nasceram ligadas aos jesuítas. A revista *Razón y fe*, fundada em 1901 pela Companhia de Jesus e pela organização integralista Asociación Nacional de Jóvenes Propagandistas, tornou-se o centro de toda a acção antimodernista e anticomunista. Os chamados «propagandistas» estariam na vanguarda desse combate, criando publicações periódicas e abrindo escolas. O Instituto de las Damas Catequistas e as Escuelas Ave María ou as Escuelas de la Virgen afirmavam-se como a resposta às tendências «maçónicas» que surgiam na educação em Espanha.

Quando os fascismos, nas suas várias versões, começaram a surgir na Europa, a Igreja Católica Romana viu neles uma solução. Antes

de mais, como uma defesa contra os perigos da época. Finalmente surgia uma força capaz de fazer frente às ideias demoníacas saídas da Revolução de 1789. Além disso, pareciam oferecer uma oportunidade de redesenhar a geografia religiosa europeia, ao prometerem submeter a Rússia, os Balcãs e outras regiões dominadas pela «heresia» ortodoxa.

A Revolução Russa de 1917 acabava com o poder dos czares e desferia um golpe na Igreja Ortodoxa russa, que oferecia assim a oportunidade para a conversão. O culto da Virgem Maria, a que os russos já tinham provado serem vulneráveis, seria o instrumento dessa conquista, que usaria a Polónia católica como base.

As aparições de Fátima em 1917 seriam por isso encaradas por certos sectores da Santa Sé como um trunfo literalmente caído do Céu. Não devido às alusões à conversão da Rússia, porque esse tema estava completamente ausente do conteúdo das revelações que foi tornado público. Nem a Irmã Lúcia, nem nenhum dos pastorinhos, nem nenhum dos padres ou outras autoridades que os interrogaram e divulgaram as mensagens mencionariam em algum momento a Rússia. Isso só aconteceria mais de 20 anos depois.

Mas em 1929, ao ser fundado o Collegium Russicum (o colégio pontifical russo), com o objectivo de formar padres de rito bizantino para enviar para as terras ortodoxas e comunistas, a Irmã Lúcia teve a sua mais importante visão, no Convento de Pontevedra. O culto de Nossa Senhora de Fátima foi aprovado canonicamente pela Santa Sé, no ano seguinte, ao mesmo tempo que o Vaticano lançava uma campanha anti-soviética de indulgências.

Mais tarde, em 1941, quando Hitler invadiu a Rússia e os padres jesuítas alemães e polacos se preparavam para iniciar a conversão dos derrotados cismáticos ortodoxos, o Vaticano decidiu divulgar a segunda parte do Segredo de Fátima, sobre a conversão da Rússia. Um dos objectivos seria encorajar os católicos a alistarem-se para combater o Exército Vermelho, ao lado dos nazis.

Nessa altura, já estava em curso o Holocausto, que o Papa Pio XII, apesar de ter sido informado de tudo, se recusava a condenar. Instado por todos a cumprir o mais óbvio dever moral que a Igreja Católica terá tido em toda a sua história, optou pelo silêncio cúmplice.

Mas em 1917, as mensagens de Fátima, que apenas exortavam à oração e penitência, cumpriram a função de afirmar a Igreja em Portugal, em pleno regime anticlerical da República. O mesmo aconteceu em Espanha, onde sucessivas aparições foram aproveitadas pelo regime de Miguel Primo de Rivera, primeiro, e depois pela Falange.

Franco usaria Fátima e as outras aparições marianas da Península Ibérica como combustível da idolatria com que fundamentou a ideologia da Hispanidad. Este conceito, que combinava ideias neocolonialistas com a de «raça», serviria, na sua estratégia, de cimento de união entre a Espanha e Portugal, e entre aquela e as nações da América Latina.

O plano foi um êxito durante a década de 1920, com o «renascimento mariano» a alastrar pelo mundo ibero-americano. Uma imagem da Nossa Senhora do Rosário foi coroada em Cuzco e em Lima, no Peru. Na Bolívia, La Mamita foi proclamada Rainha da Nação. No Chile, a Virgem Patrona das Forças Armadas foi coroada por um representante da Santa Sé, depois de uma grande parada histórico-patriótica promovida pela Acção Católica. Cerimónias idênticas foram realizadas na Argentina, Paraguai e Uruguai, tal como no Brasil com a Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

E no México, durante o regime anticlerical de Plutarco Elías Calles, um verdadeiro exército de 50 mil homens, dirigido por padres e leigos católicos e constituído principalmente por elementos dos Cavaleiros de Colombo do país, provocou uma guerra que viria a ser chamada a Guerra dos Cristeros (soldados de Cristo). O seu grito de combate era «Viva o Cristo Rei! Viva a Virgem de Guadalupe!».

TERÃO AS VISÕES DE LÚCIA INFLUENCIADO DECISIVAMENTE A HISTÓRIA DO SÉCULO XX OU TERÁ A VIDENTE SIDO USADA, DURANTE UMA VIDA INTEIRA DE CLAUSURA EM CONVENTOS, PELOS INTERESSES DE VÁRIAS POTÊNCIAS MUNDIAIS?

Vinte anos depois das aparições na Cova da Iria, o clero português, por pressão dos líderes políticos do Estado Novo, influenciou a Irmã Lúcia para que revelasse a segunda parte do Segredo de Fátima: a Rússia era a causa de todas as guerras e deveria ser convertida.

O Vaticano, sob ameaça de Hitler, alteraria pouco depois o texto do depoimento de Lúcia, focando-se na resistência ao comunismo. A Igreja passou, então, a usar o Segredo para apelar à insubmissão dos russos ao poder comunista, que perseguia os católicos. Os Aliados, por seu lado, faziam a sua própria interpretação: invocando o desejo de conversão dos russos, a Virgem apelava à santidade da Rússia, encorajando-a a resistir ao invasor alemão.

Depois de 1945, o texto do Segredo foi novamente alterado. Fátima foi transformada num baluarte de luta, não contra a Rússia, mas contra o comunismo no mundo, mensagem utilizada durante a Guerra Fria em toda a diplomacia e espionagem do Vaticano na Europa de Leste. A seguir, as interpretações do Segredo foram mais uma vez modificadas, para chegar tanto aos fiéis da Igreja Católica Romana como aos da Igreja Ortodoxa, num projeto de unificação da cristandade concebido pelo papado.

Em *As Guerras de Fátima*, Paulo Moura apresenta-nos uma investigação histórica e jornalística da mais delirante intriga político-religiosa do século XX.

«*Depois do Fim* ultrapassa em muito o seu valor testemunhal. É literatura como é literatura a escrita de Svetlana Alexievich ou Ryszard Kapuscinski.»

José Riço Direitinho, *Público*

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-09-3  9 789898 864093 História
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	